



3º ANO

TRILHA
AGROECOLÓGICA

4

 **CENTENÁRIO
PAULO
FREIRE**
— 1921-2021 —

 **GOVERNO
DO ESTADO**

SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO



EXPEDIENTE

Governo da Bahia

Rui Costa | Governador

João Leão | Vice-Governador

Jerônimo Rodrigues | Secretário da Educação

Danilo Melo Souza | Subsecretário

Manoel Vicente Calazans | Superintendente de Políticas para a Educação Básica

Coordenação Geral

Iara Martins Icó Sousa

Poliana Nascimento dos Reis

Coordenação de Educação do Campo/Quilombola

Poliana Nascimento dos Reis

Coordenações das Etapas

Poliana Nascimento dos Reis

Cassia Margarete Amaro dos Santos

Daniela Silva Ferreira

Equipe de Elaboração

Francisco Cruz do Nascimento

Luciene Rocha Silva

Jamille Pereira Almeida

Maria do Amparo Gomes Carvalho

Marcos Paiva Pereira

Kriscia Santos Argolo

Colaboradores(as)

Adriana Mendonça dos Santos

Bruno Alves Moura Ito

Cassia Margarete Amaro dos Santos

Daniela Silva Ferreira

Fernanda Pessoa do Amaral

Gilberto Cardoso Alemeida

Poliana Nascimento dos Reis

Revisão, projeto gráfico e diagramação

Marjorie Amy Yamada

Foto da capa

Mística com estudantes no Campo de Formação em 27 de setembro de 2021, na Escola Família Agrícola de Jaboticaba Município de Quixabeira – Bahia. Arquivo particular da EFA.

EPÍGRAFE

Lutar pela terra, lutar pelas plantas, lutar pela agricultura, porque se não vivermos dentro da agricultura, vamos acabar. Não tem vida que continue sem terra, sem agricultura.

Ana Primavesi



À Comunidade Escolar,

É com grande satisfação que disponibilizamos para a Rede Estadual de Ensino da Bahia os **Cadernos de Apoio à Aprendizagem**, um material pedagógico produzido a muitas mãos, destinado a apoiar educadores e estudantes no momento de retomada das atividades letivas. A sua elaboração envolveu professores e professoras voluntários da rede estadual, além de técnicos e gestores da Superintendência de Políticas para a Educação Básica – SUPED, responsável pela coordenação do trabalho. Destaca-se, em especial, a intensa interlocução entre diferentes modalidades, na perspectiva de produzir um material atento à acessibilidade e que contemple diferentes modalidades.

Os Cadernos foram concebidos como materiais de suporte para o planejamento pedagógico e para o restabelecimento das rotinas escolares. Sua elaboração partiu da análise crítica sobre quais seriam, nesse momento específico, as **aprendizagens significativas** para os estudantes, e quais as competências e habilidades a serem desenvolvidas por eles e elas ao longo desse ano letivo tão atípico. A partir daí, foram construídos os organizadores curriculares, que promovem uma aproximação entre a experiência docente em sala de aula e os objetos de conhecimentos que compõem o Documento Curricular Referencial da Bahia da Educação Infantil e Ensino Fundamental (DCRB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).



A organização didática foi feita sob a forma de “Trilhas de Aprendizagem” associadas aos objetos de conhecimento. Essa estrutura visa a organizar e a acompanhar o processo de construção da aprendizagem pelo estudante, propondo interações e conferindo autonomia aos diferentes sujeitos. Cada trilha tem objetivos específicos e sua abordagem foi pensada especialmente para o público estudantil, apresentando uma linguagem que busca despertar a curiosidade e instigar a pesquisa, tornando o aprendizado mais eficaz, agradável, contextualizado e significativo.

Por fim, esperamos que esse material seja utilizado pelos educadores no planejamento pedagógico para o retorno às atividades letivas, como forma de conciliar os tempos e espaços de aprendizagem, e que sirva de inspiração para a produção de novas trilhas, em diferentes linguagens (áudio, vídeo, imagens, redes). Neste sentido, convidamos todos os educadores e educadoras da Rede Pública Estadual a produzirem e (re)elaborarem, a partir dos Cadernos de Apoio, suas Trilhas Autorais, abordando os contextos e necessidades territoriais e locais de cada realidade deste “país” chamado Bahia.

Abraços fraternos!

JERÔNIMO RODRIGUES

Secretário de Educação do Estado da Bahia



APRESENTAÇÃO DA TRILHA AGROECOLÓGICA

A Trilha Agroecológica aqui apresentada é um produto coletivo com vistas a disponibilizar ao público caminhos inspiradores para estimular as vontades políticas e a consciência das nossas responsabilidades sobre a transformação do pensamento e das ações de conservação, preservação, dinamização, exploração e respeito à vida do nosso planeta.

O passo a passo de cada etapa traz uma sequência de estudos e de aprendizagens para alcançarmos o sucesso no manejo consciente do solo, da água, da vegetação e, acima de tudo, da vida. A Agroecologia não é apenas uma revisão conceitual da agricultura com técnicas ecológicas, e sim um conceito de relação ética com a vida e com seus ecossistemas, visando à sustentabilidade e ampliando os processos agrícolas de maneira inclusiva e responsável.

As propostas que apresentamos advêm do desejo de superar os danos históricos causados à biodiversidade e à sociedade devido à ganância e ao uso nocivo de agrotóxicos. Estudar princípios agroecológicos na educação básica é renovar a esperança da construção de uma sociedade organizada, preocupada com todas as espécies de vida; é disponibilizar ferramentas que auxiliem as escolas e seus professores no desenvolvimento de trabalhos escolares que envolvam as comunidades, que tragam experiências para fortalecerem o currículo, tomando como princípio que o cultivo agroecológico é, sem dúvida, o cultivo da sustentabilidade social, além de representar estudo e uso de energias renováveis e superação de desafios para a construção de uma sociedade justa.

Equipe de Elaboração das Trilhas/ Coordenação de Educação do Campo e Quilombola



QUADRO-SÍNTESE: AGROECOLOGIA

Ano/série: 3ª série

Eixo Integrador

- ◆ Mulheres, ancestralidade e agroecologia

Objetivo

- ◆ Visibilizar os saberes/fazeres e o trabalho produtivos das mulheres na história da humanidade.

II Unidade letiva

Tema gerador: Quintais produtivos – trabalho e emancipação

Competências:

- ◆ ADEFAFCN2 – reconhecer e valorizar seu próprio saber sobre o meio natural e social, interessando-se por enriquecê-lo e compartilhá-lo.

Habilidades:

- ◆ EM13CHS102 – Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade, etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

Quintal da trilha: Práticas agroecológicas de biopoder



TRILHA 4

Quintais produtivos – trabalho e emancipação

1 PONTO DE ENCONTRO

Bem-vindos e bem-vindas a mais uma trilha! Vamos colocar o pé na estrada e ampliar o nosso saber?

Estaremos com você em todo o trilhar! E, ao final da trilha, pediremos uma avaliação do seu percurso.

Continuaremos falando dos quintais produtivos nessa linda caminhada.

2 BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

- ◆ Identifique os objetos na imagem ao lado e indique suas funções.
- ◆ Você sabe o que são marcadores de gênero?
- ◆ O que os marcadores de gênero têm a ver com os papéis atribuídos às mulheres?
- ◆ Como se dá a divisão do trabalho na vida da mulher camponesa? Quais tarefas lhes são atribuídas?
- ◆ Na sua comunidade, o trabalho produtivo das mulheres nos quintais e nas unidades de produção familiar camponesa é reconhecido?

Figura 1. Marcadores de gênero



Fonte: Mocinha Carvalho.

Registre no seu **diário de bordo** e compartilhe com a turma suas anotações.

3 LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

Pelas relações de gênero estabelecidas na sociedade, culturalmente, o trabalho das mulheres tem menor valor que o trabalho desempenhado pelos homens. A divisão sexual do trabalho, que designa o trabalho dos homens à esfera produtiva e o das mulheres à esfera reprodutiva, também hierarquiza o trabalho dos homens sobre o das mulheres, sendo que um trabalho de homem vale mais que um trabalho de mulher (HIRATA; KERGOAT, 2008).

Não por acaso, há uma invisibilidade sobre o trabalho realizado pelas mulheres, em especial na agricultura familiar, em que os trabalhos produtivo e reprodutivo muitas vezes se confundem, como é o caso dos quintais, que são considerados espaços da reprodução.

Contribuindo para essa invisibilidade, segundo Michelle Perrot (2005), há um projeto social, político e cultural de silenciar a história das mulheres, um recurso para esconder e invisibilizar suas ações e falas, ocultando e/ou excluindo do texto histórico estes sujeitos, acreditando ser o texto histórico a verdade absoluta e inquestionável dos fatos.

Texto adaptado de WEITZMAN, 2020, p. 22.

Figura 2. Divisão sexual do trabalho



Fonte: ActionAid Brasil, 2018.

- 1 De acordo com o texto, a divisão sexual do trabalho estabelecida na sociedade vigente invisibiliza o trabalho produtivo das mulheres. Quais são os fatores que contribuem para a invisibilidade do trabalho das mulheres?
- 2 Na sua opinião, por que na maioria das vezes os homens têm o seu trabalho mais valorizado que os trabalhos realizados pelas mulheres? Cite exemplos.

4 EXPLORANDO A TRILHA

Texto 1 Quintais produtivos

Os quintais produtivos são espaços de estratégias que dão às mulheres a visibilidade que elas merecem pelo trabalho produtivo desenvolvido nesses espaços. É no quintal produtivo que elas garantem a alimentação para o autoconsumo, comercializam, trocam e doam os excedentes, cultivam hortaliças, frutíferas e plantas medicinais e preservam as sementes crioulas.

Os quintais produtivos são parte de uma política pública para o campo em disputa no momento. E é a partir desse espaço estratégico na luta da mulher camponesa que também precisamos falar de economia feminista. “A economia feminista direciona seu olhar para o conjunto de atividades e processos necessários para produção do viver e para a satisfação das necessidades humanas, permitindo dar visibilidade às atividades não mercantis protagonizadas pelas mulheres.” (WEITZMAN, 2020, p. 17)

(...)

As relações de consumo, doação e troca são consideradas como não monetárias, porque não envolvem nenhuma transação financeira e, por este motivo, são invisibilizadas nas análises econômicas ortodoxas. Desse modo, a riqueza não monetária produzida pelas mulheres, a partir de uma enorme quantidade de trabalho realizado, é simplesmente desconsiderada na economia.

Apenas o valor relacionado à venda da produção tem maior visibilidade. No entanto uma parte considerável da produção das agricultoras é representada por produtos com pouco valor agregado, comercializados em pequenas quantidades diariamente. É o que costumamos chamar de miudezas: alguns pés de alface ou outras hortaliças, uma pequena quantidade de ovos, frutas e outros produtos que são vendidos todos os dias.

Por serem pequenos valores movimentados por dia, dificilmente são contabilizados pela família, gerando a sensação de ser uma contribuição irrisória. Por esse motivo, muitas vezes também são desconsiderados como fonte de renda, seja no âmbito familiar ou por gestores públicos e formuladores(as) de políticas. E é dessa maneira que o papel econômico

das mulheres — neste caso das agricultoras agroecológicas — é invisibilizado na sociedade. Em síntese, conforme afirma Michèle Pujol (1992, p. 3), “a economia tem desenvolvido uma metodologia que não consegue ‘ver’ o comportamento econômico das mulheres”. (WEITZMAN, 2020, p. 17)

Cadernetas agroecológicas e as mulheres do semiárido: de mãos dadas fortalecendo a agroecologia. Salvador: Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), 2020, 232 p. Disponível em: <https://ctazm.org.br/bibliotecas/cadernetas-agroecologicas-e-as-mulheres-do-semiarido-de-maos-dadas-fortalecendo-a-agroecologia-338.pdf>.

Texto 2 Por uma divisão justa do trabalho doméstico!

No nosso dia a dia, encontramos muitas situações que são consideradas naturais, mas, na verdade, são construídas pela sociedade. Uma delas é a divisão do trabalho doméstico, quando se atribui a homens e mulheres a responsabilidade sobre tarefas diferentes. Tradicionalmente, cabem às mulheres os cuidados com a casa, com as crianças, com os idosos e com os doentes. Os homens são vistos, quando muito, como meros ajudantes nesses trabalhos, mas nunca como responsáveis por eles. Por isso, não são cobrados pela sociedade nas tarefas de limpar a casa, lavar louça, fazer comida e cuidar das pessoas. Por conta dessa responsabilidade, as mulheres são chamadas de “donas de casa”, e, mesmo assim, os homens são chamados de “chefes de família”. É a sociedade que naturaliza a dureza das tarefas domésticas para nós mulheres. Recai sobre nós a responsabilidade por essas atividades de reprodução da vida.

Que valor que é dado para uma dona de casa? É comum ouvir dizer que quando a mulher “não trabalha” vira “dona de casa”. Pois é, ao mesmo tempo em que nos “empurra” tão grande responsabilidade, a sociedade desvaloriza completamente todas essas tarefas. Sabemos quanto pode ser duro cuidar de uma casa e de todos que ali vivem. Mas, para o conjunto da sociedade essas tarefas são sem importância. Sem status ou remuneração, quase uma escravidão. E, para piorar, são “naturalmente” tarefas de mulheres.

Acreditamos que ligar as mulheres a trabalhos de menor valor está relacionado ao sistema patriarcal em nossa sociedade. Nessa ideologia, o homem tem supremacia sobre as mulheres, e, assim, seus afazeres são

mais importantes. O patriarcado ainda é muito presente hoje em dia. Ele se expressa de forma diferenciada em cada país, em cada cultura, e em cada localidade. Muitas vezes o patriarcado se impõe por formas diversas de violência, física, moral, patrimonial.

E no meio rural?

Embora o patriarcado esteja presente em muitos ambientes sociais, no meio rural, a violência patriarcal é ainda mais difícil de se enfrentar. Isso se deve ao isolamento em que as mulheres se encontram. Isolamento geográfico, falta de acesso aos meios de comunicação e de informações, falta de equipamentos públicos para lidar com a violência. No meio rural, os papéis da divisão sexual do trabalho e da liderança dentro da família são extremamente delimitados. As mulheres são rebaixadas a uma posição de pouco ou nenhum protagonismo social e submetidas a muitas formas de violência. Às vezes, nem mesmo acesso à água de qualidade é livre a elas.

Por outro lado, as mulheres rurais vão além do papel doméstico. Elas desenvolvem atividades agrícolas, fazem artesanato, beneficiam frutas, verduras e pescados. Além do mais, recai sobre a mulher agricultora o trabalho de abastecer a casa com água, uma tarefa fisicamente desgastante nas zonas rurais. Por isso, a jornada de trabalho da mulher é maior. Elas são as primeiras a acordar para preparar o dia dos membros da sua família e as últimas a deitar, organizando os afazeres para o dia seguinte.

Essas desigualdades de gênero se reproduzem nas normas e valores considerados como “normais” no meio rural. Desde cedo, as meninas são ensinadas a passar, a lavar, a cozinhar, a arrumar a casa e a cuidar de todos, sendo educadas, inclusive, para passar privações de várias naturezas, para suprir as necessidades dos homens. Muitas vezes estudam por estímulo próprio, resistindo ao descontentamento de seus pais, maridos e irmãos. Assim a sociedade constrói essa situação, e trata essa injustiça como algo “natural”.

FERREIRA, A. P. Por uma divisão justa do trabalho doméstico! **Action Aid**, 28/8/2017. Disponível em: <https://actionaid.org.br/noticia/por-uma-divisao-justa-do-trabalho-domestico/>. Acesso em: 3 dez. 2021.

CANTINHO DA CURIOSIDADE

- ▶ Campanha pela justa divisão do trabalho doméstico: <https://youtu.be/ovoAr44SuzA>
- 🔊 Proseando: Divisão justa trabalho doméstico: <https://soundcloud.com/ana-agroecologia/divisao-justa-trabalho-domestico>
- Mulheres fazem três vezes mais trabalho doméstico que os homens: <https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-fazem-tres-vezes-mais-trabalho-domestico-do-que-os-homens/>
- Se tem racismo, não tem agroecologia: <https://ctazm.org.br/noticias/sem-feminismo-nao-ha-agroecologia-carta-das-mulheres-negras-qui-lombolas-e-indigenas-649>

5 RESOLVENDO DESAFIOS DA TRILHA

- 1 Qual é a importância de dar visibilidade às atividades não mercantis protagonizadas pelas mulheres?
- 2 *É a sociedade que naturaliza a dureza das tarefas domésticas para nós mulheres. Recai sobre nós a responsabilidade por essas atividades de reprodução da vida.*

Produza um texto crítico sobre a seguinte questão: “Por que recai sobre nós, mulheres, a responsabilidade pelas atividades de reprodução da vida?”.

- 3 De acordo com o texto 2, quais são as especificidades enfrentadas pelas mulheres no meio rural em relação à divisão do trabalho?
- 4 Ouça o podcast *Proseando: Divisão justa do trabalho doméstico*, e relate os caminhos que Rosa utilizou para uma divisão do trabalho em seu lar.
- 5 Converse com colegas e familiares e registre como acontece a divisão do trabalho doméstico em suas casas. Reflita sobre as realidades encontradas e crie alternativas para modificá-las, caso julgue necessário.
- 6 Comente o lema do IV ENA, realizado em Belo Horizonte (MG) em 2018: “Se tem racismo, não tem agroecologia”.

6 A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA

Agora é sua vez! Vamos ver como está a divisão de tarefas em nossas comunidades? Através do diagnóstico rápido participativo intitulado *Rotina diária das Atividades Mulher e Homem*, propõe-se que a descrição de atividades das mulheres e dos homens de um grupo social específico ajude a colocar em evidência a sua distribuição, torne visível o trabalho que desempenha cada membro da família e permita compreender a dinâmica das relações sociais de gênero, o apoio mútuo, os esforços de uns e de outros, o intercâmbio e também os conflitos.

Objetivo: visualizar a divisão de trabalho entre homens e mulheres. Tornar evidente a carga de trabalho real da mulher. Contribuir para a valorização do trabalho da mulher.

Tempo: 1–2 horas.

Materiais: 2 pedaços grandes de papel, tarjetas, pincéis, giz de cera.

Como é feito:

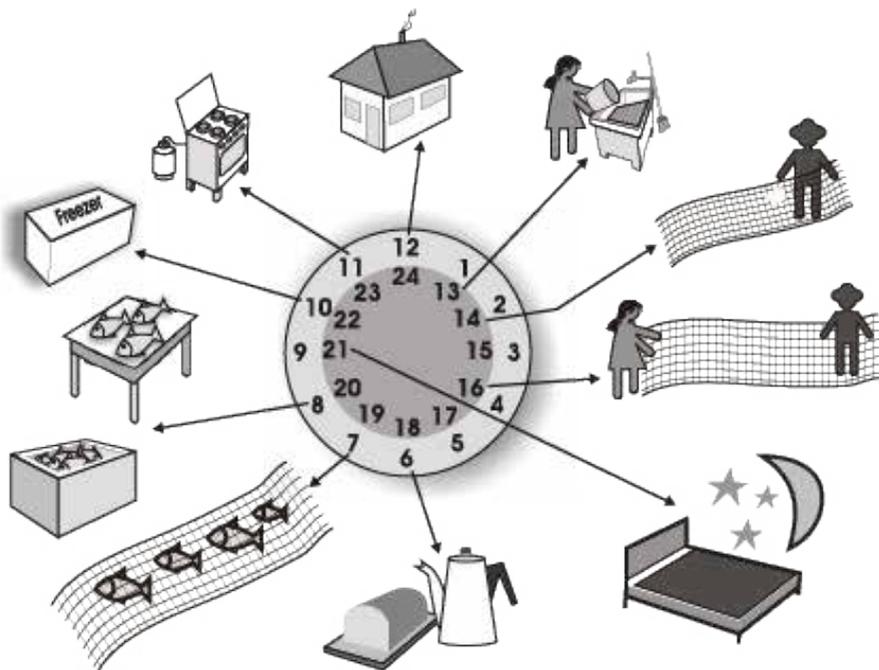
- I. Os participantes são divididos em um grupo de homens e um grupo de mulheres;
- II. Cada grupo desenha um relógio em um bloco de papel e escreve, desenha ou representa com objetos todas as atividades que realiza em um dia comum e corrente desde a hora que se levanta até a hora de ir dormir;
- III. Depois de concluir os dois relógios, os dois grupos retornam ao mesmo espaço e compartilham as rotinas, várias reflexões e identificam se a divisão do trabalho é justa ou não.

As seguintes perguntas podem orientar a reflexão na última etapa:

- ◆ Que relógio parece mais atarefado?
- ◆ Quem se levanta mais cedo?
- ◆ Quem vai dormir mais tarde?

- ◆ De que tempo livre dispõem as mulheres e de que tempo livre dispõem os homens?
- ◆ Por quantas horas do dia trabalha cada grupo?
- ◆ Que diferenças existem entre o trabalho do homem e o trabalho da mulher?

Figura 3. Rotina diária das atividades da mulher e do homem



Fonte: VERDEJO, 2006, p. 46.

Caso queira, crie um cartaz bem bonito com as reflexões realizadas pela turma e compartilhe no pátio da escola. Espalhe essa ideia em sua comunidade, dialogue com outras pessoas sobre esta temática, coloque as aprendizagens desta tarefa em prática!

Atenção: Esta atividade pode ser realizada em outros espaços que visam a discutir a divisão justa do trabalho.

VERDEJO, Miguel. **Diagnóstico Rápido Participativo: Um Guia Prático.** Brasília, 2006. Disponível em: <http://jararaca.ufsm.br/websites/deaer/download/VIVIEN/Texto01/ManualDATER.pdf>.

7 A TRILHA NA MINHA VIDA

Você já fez um mapa do agroecossistema da sua família? Esta é uma ferramenta importante para entender a divisão do trabalho na propriedade. Vamos lá! Separe os materiais: cartolina, lápis de cor, régua, borracha e muita criatividade.

Faça o mapa o mais detalhado possível, identifique cada área produtiva, registre o local da casa e seus arredores, a criação de animais e os variados cultivos. Se tiver alguma tecnologia social implantada, registre. Segue abaixo um exemplo de mapa feito em uma caracterização de agroecossistemas de uma agricultora do município de Wagner–BA. Essa foi uma atividade dentro do projeto Ater Mulheres Rurais do Centro de Formação Comunitária (CEFORC).



Figura 4. Exemplo de mapa de agroecossistema

Fonte: Silvana Braga, 2021.

Depois de fazer o mapa, é hora de pensar sobre a divisão das tarefas. Marque com um X as áreas que têm o protagonismo das mulheres e Y aquelas que os homens atuam com mais afinco. Compartilhe com a sua turma e problematize as seguintes questões:

- 1 Quais são os espaços que as mulheres protagonizam?
- 2 Qual é o destino da produção realizada pelas mulheres?
- 3 A divisão de trabalho é justa?

Registre em seu **diário de bordo** e compartilhe com a sua família e com seus colegas tais reflexões.

8 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Meu desafio é porque eu não tenho leitura. Depois dessa caderneta, eu passei a cuidar melhor dos meus canteiros, porque quando eu comecei a vender, eu sei o que entrou de dinheiro, eu vendo cheiro verde, cenoura, tomate cereja. Pra mim, a partir dessa caderneta foi que passei a cuidar melhor. Estou muito feliz de ter entrado nesse projeto. Eu já até meu nome já sei fazer e já tô aprendendo a anotar minhas coisas tudo direitinho, eu não anoto muito bem, mas como eu anoto minhas coisas na caderneta, então eu faço do meu jeito. Olha, na primeira reunião da caderneta, eu ainda tava tomando remédio controlado. E depois desse projeto, eu parei de tomar os remédios, porque eu tirei toda besteira da cabeça. Porque agora eu fico cuidando de uma coisa, cuido d'outra. Aí por exemplo, quando passa o dia, eu me sento no alpendre, pego a caderneta e vou anotar tudo que eu consumi naquele dia, tudo que entrou, que saiu, que eu doei, que eu vendi, que troquei. Graças a Deus foi muito bom pra mim."

Maria do Socorro Gomes de Lima, 54 anos Serra do Cipó – Parambu, Ceará. Disponível em: <https://ctazm.org.br/bibliotecas/cadernetas-agroecologicas-e-as-mulheres-do-semiarido-de-maas-dadas-fortalecendo-a-agroecologia-338.pdf>.

A caderneta agroecológica é uma ferramenta que serve para dar visibilidade ao trabalho produtivo das mulheres. Dividida em quatro colunas, registram-se diariamente a quantidade e o valor dos produtos que foram vendidos, doados, trocados e consumidos pela família. Que tal convidar as mulheres da sua comunidade para conhecer e aplicar as cadernetas agroecológicas? Organize o espaço, compartilhe o vídeo indicado no quadro abaixo e entregue uma cópia da caderneta a seguir para cada mulher. Marque um período para fazerem os registros e depois um reencontro para socializar e contabilizar os resultados. Produza gráficos e tabelas. Ajude a dar visibilidade ao trabalho produtivos das mulheres da sua comunidade.

QUER-SABER-MAIS?

- ▶ **Como utilizar as cadernetas agroecológicas?** – <https://youtu.be/RhfzkviA2zs>

Figura 6. Receita simples de biofertilizante



Ingredientes

- 40 Kg de esterco de vaca
- 3 a 4 litros de leite
- 10 a 15 litros de melaço ou garapa
- 200 litros de água
- 4 Kg de fosfato natural

Preparo e uso

Coloque tudo num tambor ou caixa d'água, misture bem e deixe fermentando durante 15 dias, mexendo uma vez por dia.
Misture 1 litro em 9 litros de água e regue a planta e o solo.

Imagem retirada da cartilha Agroecológica do Instituto Giramundo, 2005. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/CartilhaAgroecologica.pdf>

9 AUTOAVALIAÇÃO

Como se sente ao concluir mais uma trilha? Agora reflita, registre no **diário de bordo** e depois socialize com a turma as suas anotações.

- 1 O que você achou do tema proposto na trilha?
- 2 De que maneira as atividades propostas auxiliaram na sua compreensão da realidade local?
- 3 Relate um pouco sobre as dificuldades encontradas em algum momento da trilha.
- 4 Agora, registre uma pequena síntese sobre o momento mais significativo desta trajetória.

GLOSSÁRIO

Sementes crioulas – variedades desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária, quilombolas ou indígenas.

Patriarcado – sistema social baseado em uma cultura, estruturas e relações que favorecem os homens, em especial o homem branco e heterossexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LONDRES, F. et al. **As sementes tradicionais dos Krahô**: uma experiência de integração das estratégias on farm e ex situ de conservação de recursos genéticos. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2014. 47 p. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/115241/1/Caderno-ANA-Sementes-2014-KRAHO.pdf>.

PULGA, V. L. et al. **Mulheres camponesas**: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2018. 269 p.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

REINIGER, L.R.S; WIZNIEWSKY, J.G; KAUFMANN, M.P. **Princípios de agroecologia** [recurso eletrônico] 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, UAB, 2017.1 e-book.

WEITZMAN, R. et al. **Cadernetas agroecológicas e as mulheres do semi-árido de mãos dadas fortalecendo a agroecologia**: resultados do uso das cadernetas nos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil de agosto de 2019 a fevereiro de 2020. – [Salvador] : Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), 2020. 232 p.